

# A ENERGIA E A MAGIA DE HERBERTO HELDER

Arnaldo Saraiva

**N**ascido em 23 de Novembro de 1930 na ilha da Madeira que, ao contrário das ilhas açorianas, onde nasceram Antero e Vitorino Nemésio, nunca tinha dado às letras portuguesas um grande escritor, Herberto Helder Luís Bernades de Oliveira saiu ainda adolescente da sua terra para completar em Lisboa estudos secundários e para estudar em Coimbra Direito e depois Letras (Românticas), de que desistiu como Fernando Pessoa. Retornado a Lisboa, onde, quase ao mesmo tempo em que se estreava como poeta na coletânea *Arquipélago* publicada na sua ilha (1952), começou a série de pequenos e precários empregos que teria até ficar só com o “emprego” de escritor, aí conviveria com o famoso grupo surrealista do Café Gelo e aí publicaria em 1958 a plaqueta *O Amor em Visita*, antes de viajar ou vagabundear pela França, Bélgica, Holanda e Dinamarca.

No início da década de 60 fixa-se em Lisboa, embora por algum tempo viaje pela província com uma das Bibliotecas Itinerantes da Fundação Gulbenkian, e, limitado embora por dificuldades econômicas, conhece então o mais fecundo período da sua criatividade: até ao fim da década publicara vários livros de poemas *A Colher na Boca e Poemacto*, 1961; *Lugar*, 1962; *Electronicolítrica* (posteriormente intitulado *A máquina Lírica*), 1964; *Húmus*, 1967; três livros de Prosa (*Os Passos em Volta*, 1963- com 2ª ed. em 1964 e 3ª ed. em 1970-, *Retrato em Movimento*, 1967, e *Apresentação do Rosto*, 1968), traduções de poéticas (*O Bebedor Nocturno*, 1968), traduções de prosa (*de obras de Hans Christian Andersen e de Ítalo Calvino*, 1964), uma antologia (*Ofício Cantante*, 1967), um prefácio polémico (*a po-*

emas de *Edmundo de Bittencourt*, 1963) e ainda se empenhara na direção e publicação de *Poesia Experimental* (1964 e 1965) e na publicação de *Filosofia na Alcova* (1968), que lhe valeria uma ida ao tribunal.

Quando em 1971 partiu para Angola, Herberto Helder era já consensualmente considerado como a mais importante revelação da poesia portuguesa da década anterior. A sua dicção impunha-se como a das grandes personalidades poéticas, por uma prodigiosa energia e originalidade. Herdando dos românticos o comprazimento na confissão das paixões e emoções que os modernistas castravam ou disfarçavam, herdando dos surrealistas o gosto pelas imagens surpreendentes ou insólitas que repugnavam aos neo-realistas, herdando da Bíblia, em especial do *Cântico dos Cânticos* que até viria a traduzir, ou de Rimbaud, Lautréamont e Rilke, sobretudo o dos *Cadernos de Malte Laurids Brigge*, modos ou modalidades de entoação, dicção, narração que se afastavam da comum lírica tradicionalistas anos 50, Herberto Helder afirmava-se imediatamente como um poeta de fôlego ou de excesso: poemas longos, desprezados desde os simbolistas (com raras exceções como a de Álvaro de Campos), versos longos, parecidos com os versículos bíblicos (e muito distintos pelo ritmo ou pela organização fonomelódica dos versos de Sena, de Cesariny e de Ruy Belo), léxico exuberante, contrastivo e sensorial, metáforas ou imagens amplas ou prolongadas, ritmos largos e até torrenciais, à base de *enjambements*, acentos, pausas, materiais sonoros típicos do discurso épico ou dos textos litânicos e encantatórios, vocativos, apóstrofes, anáforas, paralelismos, refrões, etc.

O discurso de Herberto aparecia assim nos antípodas do discurso ordinário, que por motivos diversos seduzia neo-realistas e surrealistas, como seduziria ainda mais os jovens poetas dos anos 70 e 80; desde a enunciação ou entoação até aos temas ou problemas favoritos do amor e da morte, explícitos ou implícitos em alusões ao corpo, à mulher, à casa, à loucura, à vegetação, ao cosmos, tudo nele negava a simples denotação ou referencialidade, tudo nele desmoralizava o sentido comum e preciso das palavras, que como a palavra “amor” de que falava Ortega, citado na epígrafe de *O Amor em Visita*, não têm na verdade um sentido, porque têm vários sentidos, porque mudam de

sentido, porque jogam com outras o seu sentido (“e cada nome seria iluminado /por todos os outros nomes da terra”), ou porque o sentido delas depende sempre do sujeito que as usa ou do mundo que correm.

Concebendo a linguagem como um modo único de conhecimento ou apropriação simbólica, compreende-se que Herberto não se detenha no concreto a não ser para transfigurar, como ao gato, à laranja ou à Bruxelas dos poemas de *A Colher na Boca*, e que, confrontando com os grandes enigmas do mundo e da criação, só possa responder-lhes com o “fluxo encantado e irônico” do seu discurso, que tenta impor-se como “uma beleza contra a força divina” e que na medida do seu encantamento contribui, como disse Frye a propósito da linguagem cifrada das adivinhas, para o desencantamento desses enigmas, se não funcionam como repetição simbólica do “acto iluminante do Gênesis”, para usarmos palavras da *Apresentação do Rosto*.

Por isso, não admira que o poeta se tenha empenhado nas explorações experimentalistas dos meados dos anos 60: alguns poemas compostos ainda nos anos 50 e *Poemacto* já se valiam de processos típicos de *Eletronicolétrica* ou de *Poesia Experimental*: jogos de palavras ou de espaços, desconstruções, paródias, disseminações e recolecções vocabulares, melopeias, cortes rítmicos e sintácticos, expansões e variações semânticas evidenciavam o trabalho de um *jongleur* que todavia não podia confundir-se com um formalista, porque se queria também um poeta actor, autor de poemas (*Poemactos*) que mais do que ritmar a acção visavam substituir a acção e subir ao princípio da acção (e do verbo), ou um poeta cantor como os rapsodos ou aedos, cujo canto se impunha como desejo e desígnio, como magia e demiurgia, ou como “razão de morte e alegria”.

A relação de Herberto e de Orfeu, e logicamente com os mistérios órficos, foi primeiramente apontada por Antônio Ramos Rosa (“Herberto Helder poeta órfico” *Diário de Lisboa* de 6 de junho de 1961, depois incluído em *Poesia, Liberdade* 1962) e depois minuciosamente sublinhada por Manuel Frias Martins, autor de um livro consagrado ao poeta (lembrem-se à propósito os livros que lhe consagraram Maria Lúcia dal Farra, Maria Estela Guedes,

Maria de Fátima Marinho, Américo Antônio Lindeza Diogo e Juliet Perkins). Mas essa relação não deveria fazer esquecer outras, com figuras míticas como a do que alguns chamam “o irmão de Orfeu”, Hermes, ou como a de Diônisos.

De Diônisos se diz que é um “deus sempre a nascer e a morrer”. Na sua exuberância e na sua magia, na sua forma como no seu conteúdo, a poesia herbertiana encena, imita, reproduz e ilumina os mistérios ou os mitos do nascimento e da morte, da criação e da destruição, da origem e do destino, que podem ser coincidentes, como já se via em “*O Amor em Visita*”: “Beijarei em ti a vida enorme, e em cada espasmo/ eu morrerei contigo”.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo traçar um breve esboço da trajetória poética de Herberto Helder.

## **RÉSUMÉ**

Ce travail veut montrer la trajectoire poétique de Herberto Helder.